

Onésimo Teotónio de Almeida, intérprete de Antero de Quental

*Onésimo Teotónio de Almeida,
interpreter of Antero de Quental*

Paulo Vitorino Fontes

Doutor em Teoria Jurídico-Política e Relações Internacionais - Universidade de Évora, Portugal
Professor auxiliar da Universidade dos Açores, Portugal
paulo.v.fontes@uac.pt
<https://orcid.org/0000-0002-1443-6820>

Resumo: Antero de Quental foi um importante, senão o maior, poeta e filósofo português do século XIX, ombreando com outros autores da sua época, soube colher as influências que vinham do centro e norte da Europa, ao projetar entre nós os ideais da modernidade que emanavam da Revolução Francesa. O seu pensamento filosófico e político continua a inspirar novas pesquisas, debates e interpretações. Onésimo Teotónio Almeida tem sido um dos seus intérpretes, articulando as suas ideias filosófico-políticas em temáticas da modernidade e da portugalidade. A nossa pesquisa, de carácter exploratório e assente numa hermenêutica, procura convocar essa leitura de Antero, principalmente a partir de duas das suas obras - *Odes Modernas* e *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Três Últimos Séculos*.

Palavras-chave: Antero de Quental; Onésio Teotónio de Almeida; modernidade.

Abstract: Antero de Quental was an important, if not the greatest, Portuguese poet and philosopher of the 19th century, standing up to other authors of his time, who knew how to gather the influences that came from central and northern Europe, by projecting among us the ideals of modernity that emanated from the French Revolution. His philosophical and political thought continues to inspire new researches, debates and interpretations. Onésimo Teotónio Almeida has been one of his interpreters, articulating his philosophical and political ideas in themes of modernity and portugality. Our research, of exploratory nature and based on a hermeneutic, seeks to summon this reading of Antero, mainly from two of his works - *Odes Modernas* and *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Três Últimos Séculos*.

Keywords: Antero de Quental, Onésio Teotónio de Almeida; modernity.

Onésimo Almeida¹ tem sido um intérprete de Antero de Quental², principalmente na temática da modernidade e da portugalidade, ao revisitar o seu pensamento, contribui decisivamente para a compreensão do poeta e filósofo açoriano.

Este intérprete de Antero tem uma obra vastíssima, e continua a produzir, com tal fluência que aqui apenas nos concentramos em alguns textos seus que abordam principalmente o pensamento filosófico-político de Antero de Quental.

Almeida (2017: 713) destaca o açoriano Antero de Quental, que foi quem primeiro e com mais clarividência nos deu um autêntico manifesto da modernidade em Portugal, primeiro no seu livro de poemas *Odes Modernas* e depois na audaciosa dissecação do problema da decadência da península Ibérica na sua famosa Conferência do Casino sobre as *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*. Estas obras apresentam grande importância para esta investigação, principalmente, para a reflexão que Antero desenvolve sobre o Estado moderno português.

Na Conferência do Casino, pela primeira vez, articulou e equacionou de forma magistral os valores da ciência e da tecnologia, a tolerância, a democracia, a liberdade e a justiça, a educação e o progresso numa mundividência coerente, e antagónica face à então tradicional e dominante (ALMEIDA, 2017: 719).

Antero é o grande arauto da modernidade em Portugal, foi ele quem primeiro viu mais longe e captou os sinais advindos do Centro e Norte da Europa apontando para o futuro das luzes (ALMEIDA, 2017: 726). Como já referira Eduardo Lourenço (2007: 51),

¹ Onésimo Teotónio Almeida nasceu em 1946, em São Miguel, nos Açores, Portugal. Doutorou-se em Filosofia na Brown, onde foi professor de Estudos Portugueses e Brasileiros. Académico, ensaísta, autor de contos e crónicas, Almeida cultiva e vive, através da escrita e da sua atividade de divulgação e de investigação, a teia que estabeleceu entre as suas raízes nos Açores, a comunidade portuguesa emigrada nos EUA, a vida académica, Portugal e o mundo. É autor de várias obras e de mais de duas centenas de ensaios publicados em Portugal, EUA, Brasil, França e Inglaterra (UA, 2013). Para um enquadramento propedêutico do contributo de Onésimo Teotónio Almeida na história do pensamento português contemporâneo veja-se Miguel Real (2011: 966-1003).

²Antero de Quental nasceu em São Miguel, nos Açores em 1842 e faleceu em 1891. Tornou símbolo de uma geração, a Geração de 70 ou a Geração de Antero, e é referência obrigatória na poesia, no ensaio filosófico, no jornalismo, mas também nas lutas pela liberdade de pensamento e pela justiça social, onde se afirmou como pensador destacado. O período mais estimulante da sua vida pública foi o que culminou com a organização, junto com Batalha Reis, das Conferências do Casino, que se inauguraram em 22-5-1871, no Casino Lisbonense. A sua finalidade era a reflexão sobre as condições políticas, religiosas e económicas da sociedade portuguesa no contexto europeu. A mais célebre das conferências é a sua: "Causas da decadência dos povos peninsulares", que foi imediatamente impressa e se tornou no seu mais conhecido texto em prosa (MARTINS, 2016).

A bem dizer, (Antero) marca o início da Modernidade entre nós, se admitirmos que essa Modernidade se acompanha de uma tomada histórica de carácter trágico. Sobre todos os planos, salvo o da escrita poética, a aventura intelectual de Antero instaura entre nós uma experiência de rutura cultural, tanto mais virulenta quanto é mais tardia em relação a todas quantas o Ocidente europeu conheceu desde Lutero.

Nas suas linhas fundamentais, a filosofia essencial dos primeiros escritos de Antero (publicados de 1860 a 1862) era de rutura mental e cultural operada no pensamento de quem, pelo menos a partir de 1863, compusera as poesias que viriam a formar as *Odes Modernas*. Nas palavras de Joel Serrão (2021: 329),

Essa rutura mais cultural do que mental, assumida poética e filosoficamente, consistiria na transição do transcendentalismo ao imanentismo, ou seja, uma metamorfose complexa que destronara Deus do seu católico trono celestial, trazendo-o à Terra e transformando-o na oculta lei do movimento dos seres, e daí a missão específica que cumpria aos humanos: a busca de uma razão legitimadora desse próprio movimento.

Foram várias as influências de Antero, quando era estudante chegavam a Coimbra ecos desconhecidos e cada vez mais intensos das tempestades filosófico-ideológicas que na Europa além Pirenéus colocavam em causa a complexa teologia cristã, implantada há vários séculos, e que se assumia como perene, ou seja, como definitiva expressão dos nexos entre os humanos e o seu criador – a verdadeira face da condição humana de sempre e para sempre (SERRÃO, 2021: 132).

Ora, o hegelianismo, mesmo que de segunda ou de terceira via; o positivismo, que teve influência apreciável e duradoura em Portugal; os materialismos de Büchner (1824-1899) e de outros, e o de Marx (1818-1893); o evolucionismo de Spencer (1820-1903) e dos seus seguidores – tudo isso se configurava no horizonte da época, ameaçando as certezas e a estabilidade ontológica do passado (SERRÃO, 2021: 132).

A conjugação nos planos da historiografia, da sociologia e da cultura, a mediação francesa de Michelet (1798-1874), de Proudhon (1809-1865), de Taine (1828-1893), entre outros, confluía na rutura e apontavam os novos caminhos a trilhar. Teria sido por 1863 que Antero assumira a rutura com os valores tradicionais, mediante a apropriação daquilo que, na altura, se lhe afigurava a Ideia hegeliana (SERRÃO, 2021: 132-133).

Para Serrão (2021: 315), as inovações anteriores consistem no essencial, por um lado, à generalização à Península Ibérica da problemática da decadência e, por outro, à ideia-força que

naquela altura o movia, comovia e empolgava, a saber: “O novo mundo industrial do socialismo, a quem pertence o futuro” (QUENTAL, 2017 [1871]:139).

Almeida, convocando o pensamento de Antero, na sua já longa tarefa de revisitar a questão da identidade nacional, obsessão recorrente na história da nossa cultura a partir dos finais do século XIX, retoma essa grande pergunta frequentemente colocada entre estudiosos e estudiosas do problema: “porquê a grande diferença entre o lugar de vanguarda ocupado por Portugal no século XVI e o retrocesso quase contínuo do país a partir daí?” (ALMEIDA, 2018: 275).

A partir de Antero de Quental, não faltam alusões e estudos aludindo à decadência portuguesa, no entanto, essa bibliografia é ínfima quando comparada com a que a Espanha produziu sobre o mesmo tempo em relação a si própria. Para Almeida (2018; 277) o lugar clássico da reflexão portuguesa sobre a nossa decadência – a Conferência do Casino, de Antero de Quental, sobre “As causas da Decadência dos Povos Peninsulares”- não recebeu até hoje, e por incompreensível que possa parecer, a atenção de um estudo crítico. Mesmo assim, o nosso intérprete destaca que apenas António Machado Pires, no seu texto *A Ideia de Decadência na Geração de 70* (1980) procura ultrapassar a reconstituição histórica e elabora uma análise de conceitos numa perspetiva crítica.

Tudo indica que estamos perante um texto fundador de uma nova reflexão, de um novo diagnóstico, tão viral, nos termos de hoje em dia, que ainda hoje nos custa analisar.

Almeida (2017a: 8) realça o facto de Antero ter precedido Max Weber na sua articulação da tese *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904). Enuncia a coincidência de pontos de vista entre a obra do sociólogo alemão e a do poeta e filósofo português. Ao tentar explicar o surgimento do capitalismo, Weber encontra na ética protestante do calvinismo a causa mais adequada. Antero, ao indagar das razões do atraso socioeconómico e cultural da Península Ibérica, indica o catolicismo de Trento como a sua primeira grande causa, reduzindo as explicações fundamentais a fatores de natureza religiosa. Em Weber, trata-se de uma posição explícita contra a interpretação materialista da História, formulada por Marx. Para Quental não há essa intenção, até porque os seus ideais socialistas o levaram a alinhar na militância de Marx e Engels (ALMEIDA, 2017a: 9; ROCHA, 1991: 357).

Esta questão é tão complexa que Almeida (2017a:10) cinge-se apenas, pelo menos por enquanto, a captar as implicações teóricas da explicação de Antero, comparando-as, tanto quanto possível, a essas outras duas referências fundamentais nesta matéria: Marx e Weber.

Para Antero, os ibéricos são “uma raça decaída por ter rejeitado o espírito moderno: regenerar-nos-emos abraçando francamente esse espírito”(QUENTAL, 2017 [1871]:76). Desta afirmação categórica, pronunciada no fim da sua conferência, Almeida (2017: 11) destaca “duas linhas de fundo da mundividência anteriana: 1) existe um estado de desenvolvimento, que é moderno; 2) desse estado de desenvolvimento os ibéricos não fazem, mas devem fazer parte.”

Para Antero existe um processo evolutivo civilizacional do qual a Ibéria fez parte, mesmo de vanguarda, e de que, incontestavelmente se afastou. É esse processo que conduziu ao surgimento do espírito moderno. Como o próprio sublinha,

a decadência dos povos da Península nos últimos três séculos é um dos factos mais incontestáveis, mais evidentes da nossa história: pode até dizer-se que essa decadência seguindo-se quase sem transição a um período de força gloriosa e de rica originalidade, é o único grande facto evidente e incontestável que nessa história aparece aos olhos do historiador filósofo. (QUENTAL, 2017 [1871]: 29)

A Península Ibérica cometeu erros históricos que a impediram de participar no processo que levou à modernidade. E, esse processo foi trilhado pela vanguarda que seguiu a Reforma Protestante. Antero interroga:

Quem pode negar que é em grande parte à Reforma que os povos reformados devem os progressos morais que os colocaram naturalmente à frente da Civilização? Contraste significativo, que nos apresenta hoje o mundo! As nações mais inteligentes, mais moralizadas, mais pacíficas e mais industriais são exactamente aquelas que seguiram a revolução religiosa do século XVI: Alemanha, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, Suíça. As mais decadentes são exactamente as mais católicas! (QUENTAL, 2017 [1871]: 50)

Grande parte do ensaio de Antero é dedicada à descrição enérgica dos contrastes entre a Ibéria dos períodos anterior e posterior aos movimentos da reforma e Contra-Reforma. Para o Autor, passou-se de uma à outra quase sem transição. Na primeira época, “logo na época romana aparecem os caracteres essenciais da raça peninsular: espírito de independência local, e originalidade de génio inventivo” (QUENTAL, 2017 [1871]: 31). Destaca-se que “entre todos os povos da Europa Central e Ocidental, somente os da Península escaparam ao feudalismo” (p. 32). Pelo que “a liberdade era então o estado normal da Península” (p. 61). E, adianta, “no reinado de

D. Fernando era Portugal um dos países que mais exportavam. [...] O comércio dos cereais era considerável” (p. 67).

No entanto, “passámos quase sem transição para um mundo escuro, inerte, pobre, ininteligente e meio desconhecido. (...) [A decadência] aparece em tudo: na política, na influência, nos trabalhos da inteligência, na economia social e na indústria, e como consequência disto tudo, nos costumes” (QUENTAL, 2017 [1871]: 37-38). O filósofo fala-nos de “uma decadência total. Não se fabrica, não se cria. [...] Importávamos tudo [...] Havia então uma única indústria nacional: a Índia!” (pp. 68-69).

Na segunda época da Ibéria, em síntese, “o espírito peninsular descera de degrau em degrau, até ao último termo da depravação!” (QUENTAL, 2017 [1871]: 43).

O filósofo da História interroga-se naturalmente: quais as causas? E encontra-as em três tipos de fenómenos: “um moral, outro político, outro económico. O primeiro é a transformação do catolicismo, pelo Concílio de Trento. O segundo, o estabelecimento do Absolutismo, pela ruína das liberdades locais. O terceiro, o desenvolvimento das conquistas longínquas” (QUENTAL, 2017 [1871]: 44).

Como elucida Almeida (2017: 15), embora Antero refira com frequência estes três fenómenos, ele é bem explícito em relação à sua verdadeira hierarquia dessas causas: “Baixávamos, sobretudo, pela religião. Da decadência moral é esta a causa culminante” (QUENTAL, 2017 [1871]: 46). E, interroga: “E a nós, espanhóis e portugueses, como foi que o catolicismo nos anulou?” (p. 57).

Ele mesmo avança a resposta: “o Catolicismo pesou sobre nós por todos os lados, com todo o seu peso. Com a Inquisição, um terror invisível paira sobre a sociedade: a hipocrisia torna-se um vício nacional e necessário...” (QUENTAL, 2017 [1871]: 57).

Na conceção de Antero, como esclarece Almeida (2017: 16), “é o catolicismo que é absolutista, sendo por sua influência que o poder político se torna também absolutista.” Esta mundividência de Antero condensa-se na seguinte afirmação:

Dado o catolicismo absoluto, era impossível que se lhe não seguisse, deduzindo-se dele, o absolutismo monárquico. Dado o absolutismo, vinha necessariamente o espírito aristocrático, com o seu cortejo de privilégios, de injustiças, com o predomínio das tendências guerreiras sobre as industriais. Os erros políticos e económicos saíam daqui

naturalmente; e de tudo isto, pela transgressão das leis da vida social, saía naturalmente a decadência sob todas as formas. (QUENTAL, 2017 [1871]:73)

Almeida analisa as concepções ideológicas, quer mais implícitas, quer mais explícitas do pensamento de Antero de Quental e relaciona-o com Marx e Weber. Aqui coloca-o do lado de Weber, pois para Marx, ao contrário, o poder político e as relações económicas é que afetam em primeiro lugar o poder religioso. “Em Antero, como em Weber, são as concepções religiosas que constituem as motivações mais profundas da atividade humana, e é nelas que se pode encontrar a explicação última dessa mesma atividade” (ALMEIDA, 2017: 17).

No entanto, para Almeida (2017: 19) “Max Weber foi mais cauteloso. Evitou falar de causas, e insistiu apenas na correlação entre aparecimento do espírito do capitalismo e desenvolvimento do protestantismo na sua versão calvinista, particularmente por inspiração ética.” Importa aqui incluir o contributo crítico de António Braz Teixeira³, que considera que se tem feito uma interpretação abusiva de Weber, no sentido deste autor alemão só ter constatado algo, mas não ter feito, propriamente, um diagnóstico.

Por sua vez, Antero não segue só a lógica científica, mas desenvolve uma filosofia moral e política, numa “mundividência carregada de dever ser, em que a filosofia da história não é apenas análise distante e fria dos factos, mas vontade de intervenção na própria História. Neste aspeto, Antero aproxima-se mais de Marx do que de Weber” (ALMEIDA, 2017: 20). Não sabemos se Weber leu Quental, pois provavelmente o tinha incluído nas suas notas. Mas, sabemos que Quental formulou uma explicação corroboradora da de Weber trinta anos antes deste. Além disso, também sabemos, através de Almeida (2017: 8-9) e de outros autores como Charles Taylor (1989: 199-208)) que a ciência não avança por oposição, mas essencialmente por complementaridade e acumulação (FONTES, 2019: 134). O que nos faz suspeitar até que ponto Antero não foi também um precursor de alguma filosofia e até mesmo poesia alemã, e quiçá de outras nacionalidades.

Sabemos que o interesse e a dedicação de Wilhelm Storck tornaram possível através das suas traduções levar Quental à Alemanha e a paragens mais distantes, como à Rússia e a Tolstoi, por exemplo. E, como sublinha Almeida (1987: 107), não é nada mau Quental receber deste por duas vezes a classificação de “Bom”. Principalmente se tivermos em conta que normalmente os

³Agradecemos a contribuição de A. Braz Teixeira feita no debate após a apresentação da primeira versão deste texto no VI Colóquio do Atlântico – Antero de Quental e os seus intérpretes, em Lisboa, em 2021.

escritores não gostam muito do que escrevem os outros escritores seus contemporâneos e que abordam temática semelhante.

E, para aumentar a nossa especulação, interessa o juízo de Fernando Pessoa (citado por SERRÃO, 2021: 382) sobre Antero, e que reza assim:

A Alemanha nunca poderá ter um poeta dramático como Shakespeare nem um poeta filósofo como Wordsworth – nem, na verdade, como Antero – por isto que para ser um poeta dramático supremo é preciso ser um intuitivo e não um pensador consciente, como para ser um poeta metafísico – um bom poeta metafísico, entenda-se – é necessário ter uma constituição de místico, isto é, de intuitivo, ou então possuir, como o português, pela sua emoção constitucional, o poder de emocionalizar o pensamento, como o fazia Antero, que não era um intuitivo, mas um pensador e um sentimental, como, de resto, nos mostra a sua forte organização moral.

Mas, são questões que permanecem por enquanto sem resposta, relativas a algumas das possíveis influências mútuas, neste caso entre Antero e autores e autoras estrangeiras, que poderão inspirar novas investigações.

Voltando a Almeida (2017: 19-20), o nosso Intérprete apesar de esboçar algumas limitações do texto de Antero, pois “falta-nos em Antero o aprofundamento teórico dessa sua explicação pontual (e categórica) da decadência da Península Ibérica, (...) continua a encontrar nesse ensaio uma brilhante explicação para a decadência da Península.” Aliás, o texto de Antero continua a despertar interesse a inúmeros investigadores e investigadoras nos nossos dias.

Almeida no longo tempo dedicado ao estudo da modernidade e, em particular, da modernidade em Portugal e no mundo lusófono tem defendido

que foi o nosso Antero de Quental quem mais lucidamente esboçou a radiografia da cultura portuguesa face ao mundo moderno e que o seu famoso ensaio, escrito a partir da sua intervenção nas Conferências do Casino – Causas da Decadência dos Povos Peninsulares – é o texto paradigmático que iria dividir as gentes do pensamento português (político e não só) em modernos e não-modernos. O paradigma moderno brilhantemente identificado e traçado por Antero é afinal o que subjaz a todo o ideário da revolução do 25 de Abril. (...) Os três grandes erros apontados por Antero que levaram Portugal à decadência – a aventura ultramarina, o regresso ao antigo regime político-cultural autoritário absoluto e o fechar-se num modelo económico tradicional correspondem, na sua versão positiva e programática, aos três dd da revolução dos cravos: Descolonizar, Democratizar, Desenvolver. (ALMEIDA, 2017: 25-26)

O repto, na versão negativa de Antero ou na versão positiva de Medeiros de Ferreira, pois foi este último açoriano que formulou os famosos três dd que resumem o programa de Abril,

como descobriu Almeida (2017: 24), continua por alcançar, pelo menos de uma forma que nos satisfaça.

Já anteriormente, como refere José Rodrigues Miguéis (citado por ALMEIDA, 2003: 44):

Antero foi o apóstolo que deu corpo à metafísica revolucionária do seu tempo em Portugal e fundou o Partido Socialista Português, a secção portuguesa da 1ª Internacional de Trabalhadores; o pensador que definiu as causas da Decadência dos Povos Peninsulares (segundo a ideologia do tempo); o filósofo que criticou a Filosofia da Natureza dos naturalistas, e abriu as portas ao neo-idealismo ocidental com o ensaio sobre as Tendências Gerais da Filosofia no séc. XIX. Foi o panfletário e o crítico que definiu na polémica Bom Senso e Bom Gosto as tendências da nova literatura em Portugal – e o chefe espiritual acatado pela nova geração – o cavaleiro audaz – um tanto quixotesco para o tempo – que defendeu a União Ibérica sob a forma democrática e federalista.

Assim, como sublinhou Joel Serrão (2021: 329), o esgotamento das virtualidades filosóficas da tradicional fé católico-cristã e a sua substituição pela intuição, por via da Ideia hegeliana, de que nas nativas capacidades humanas residiria, afinal, implícita, a razão de ser do descobrimento ou da criação dos valores, astros capazes de atribuírem sentido à vida, levou Antero à assunção da sua missão de revolucionário.

Para além da obra literária de Antero de Quental, importa relevar os seus pertinentes contributos para pensar a construção ibérica e de Portugal, ao defender uma união federal da península, que formaria a Ibéria como um promissor Estado moderno.

A sua obra, apesar de pouco extensa, ocupa um lugar decisivo, primordial, na renovação literária e ideológica do século XIX em Portugal, com prolongamentos que chegam até aos nossos dias. Antero é trabalhado na atualidade em várias latitudes e temáticas, desde a política, na articulação com outras grandes personagens portuguesas, como com Mário Soares e outros, de permeio, ao longo dos últimos dois séculos (Pereira, 2023), passando pela filosofia (AAVV, 2023; Alonso, 2022), pela prosa (Ragusa, 2022), até à poesia (Montgomery, 2018), só para citar alguns autores e autoras entre os que continuam a trabalhar a sua obra.

A definição do seu conteúdo humanista, no pensamento e na ação política, permite-nos perceber que o seu génio é intemporal. Nesse sentido, continua promissor o convite de Onésimo a um luminoso mergulho na história e na cultura portuguesas ao revisitarem o pensamento do poeta filósofo.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2020). Da ilha do Corvo a Neruda... e regresso. *Jornal de Letras*, 7 a 20 de outubro.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2018). *O século dos Prodígios. A ciência no Portugal da expansão*. Lisboa: Quetzal Editores.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2017a), Prefácio – ou algumas reflexões sobre um grande clássico do pensamento português. In QUENTAL, A. *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Três Últimos Séculos*. Ponta Delgada: Artes e Letras.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2017). Odes Modernas de Antero de Quental. O manifesto português da modernidade. In Matos, A. T. e outros. *O Futuro ao nosso alcance: Homenagem a Roberto Carneiro*. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa- FCH-Universidade Católica Portuguesa.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2003). José Rodrigues Miguéis, Antero e a crise chamada Portugal. *Estudos Anterianos*. Centro de Estudos Anterianos de Vila do Conde.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (1987). Carta do Estados Unidos da América. Antero de Quental no Diário de Tolstoi. *Atlântida*, Vol. XXXII, 2ª Semestre.
- ALONSO, Ricardo (2022). El viaje circular: Causas da Decadência dos Povos Peninsulares de Antero de Quental como apocalipsis secular. In: Amnis, Vol 21 (2022); TELEMME - UMR 6570
- FONTES, Paulo Vitorino (2019). Repensando os fundamentos da teoria crítica de Frankfurt e os seus dilemas teóricos, epistemológicos e políticos. *Síntese: Revista de Filosofia*, v. 46, nº 144. <https://doi.org/10.20911/21769389v46n144p121/2019>
- LOURENÇO, Eduardo (2007). *Antero ou a Noite Intacta*. Lisboa: Gradiva.
- MARTINS, Ana (2016). *Antero de Quental*. Camões – Instituto da Cooperação e da Língua. <https://www.instituto-camoes.pt/activity/centro-virtual/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/antero-de-quental>
- MONTGOMERY, Zak (2018). Poetic Prophecy of a nueva religión. Antero de Quental's Reception in Nineteenth-Century Spain. *Luso-Brazilian Review*, 55 (1) 27-50; DOI: 10.3368/lbr.55.1.27. <https://lbr.uwpress.org/content/55/1/27>
- PEREIRA, António (2023). Da Antero de Quental a Mário Soares: dal pensiero alla politica sociale nella vertigine della democrazia portoghese. In Graziani, M. e Milani, A. *Europa: un progetto in costruzione. Omaggio a David Sassoli*. Firenze University Press.
- AAVV (2023). *Antero e os seus Intérpretes. VI Colóquio do Atlântico*. Lisboa: MIL: Movimento Internacional Lusófono
- PIRES, António Machado (1980). *A Ideia de Decadência na Geração de 70*. Lisboa: Vega.

- QUENTAL, Antero (1999 [1865]). *Odes Modernas*. Porto: Porto Editora.
- QUENTAL, Antero (2017 [1871]). *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Três Últimos Séculos*. Ponta Delgada: Artes e Letras.
- QUENTAL, Antero (2017a [1860-1884]). *Poesia II - Sonetos Completos*. Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas.
- RAGUSA, A. La prosa di Antero de Quental. [s. l.], 2022. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib&db=edsrca&AN=rcaap.com.unl.run.unl.pt.10362.149822&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site>.
- REAL, Miguel (2011). *O Pensamento Português Contemporâneo (1890-2010)*. Lisboa: IN-CM.
- ROCHA, Acílio da Silva Estanqueiro (1991). Proudhon e o socialismo anterioriano. *Revista Portuguesa de Filosofia*, 47(2), 349–374. <http://www.jstor.org/stable/40336095>
- SERRÃO, Joel (2021). *Estudos sobre Antero*. Organização de António Braz Teixeira e Manuel Cândido Pimentel. Lisboa: MIL: Movimento Internacional Lusófono.
- TAYLOR, Charles (1989). *Sources of the Self: The Making of the Modern Identity*. Cambridge: University Press.
- UA (2013). *Onésimo Teotónio Almeida. Honoris Causa*. <https://www.ua.pt/pt/honoris-Causa-onesimo-almeida>